

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

André Lucas Antunes Dias

A TELECONTRARREVOLUÇÃO NOVELÍSTICA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Alexandre Magno Teixeira de Carvalho

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ANDRÉ LUCAS ANTUNES DIAS**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172005A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A TELECONTRAREVOLUÇÃO NOVELÍSTICA**, desenvolvido durante o período de 24 DE JULHO DE 2023 a 11 DE DEZEMBRO DE 2023 sob a orientação de ALEXANDRE MAGNO TEIXEIRA DE CARVALHO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

ANDRÉ LUCAS ANTUNES DIAS

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A TELECONTRARREVOLUÇÃO NOVELÍSTICA

André Lucas Antunes Dias¹

RESUMO

Este trabalho visa compreender o papel da indústria cultural em um país de capitalismo dependente. Mais especificamente, a função da Rede Globo na manutenção do subimperialismo brasileiro. Articulou-se, através de uma breve revisão bibliográfica, o conceito de Ruy Mauro Marini (subimperialismo) e Theodor Adorno (indústria cultural), em prol do diálogo teórico entre Teoria Marxista da Dependência (TMD) e Teoria Crítica. Almeja-se desenvolver novos olhares acerca das problemáticas da dependência, incorporando a ela a crítica da cultura. Em especial, espera-se demonstrar o papel ideológico das telenovelas no contexto destacado (1964-1989).

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Crítica. Teoria Marxista da Dependência (TMD). Indústria Cultural. Ditadura Militar. Subimperialismo

1. INTRODUÇÃO:

Seguindo a trilha de Vasconcellos (2018), para quem “o ouvido subdesenvolvido é o ruído na superexploração do trabalho”, este trabalho visa compreender, especificamente, o papel da Rede Globo na manutenção do subimperialismo brasileiro. As referências teórico-conceituais basilares da discussão foram Ruy Mauro Marini e Theodor Adorno, respectivamente, quanto ao conceito de subimperialismo e de indústria cultural. Fusão alquímica de Teoria Marxista da Dependência e Teoria Crítica. O período estudado corresponde ao da ascensão e declínio (aparente) da Ditadura Militar brasileira (1964-1989).

Procura-se entender, de maneira geral, qual o papel da indústria cultural em um país dependente como o Brasil. Em especial, a televisão, setor hegemônico da indústria cultural brasileira. Ventila-se a tese de que a Rede Globo foi fundamental para a eliminação da oposição política à Ditadura, da possibilidade de um audiovisual autônomo no país, na legitimação do “milagre econômico” e do capitalismo dependente.

O método empregado consistiu em uma breve revisão bibliográfica acerca dos conceitos destacados, através das obras em que foram primeiramente formulados e de comentaristas contemporâneos. Além disso, houve o esforço de articulá-los originalmente para uma compreensão mais ampla dos mecanismos de legitimação da Ditadura e do capitalismo dependente. O presente trabalho justifica-se pela necessidade de novos olhares acerca das problemáticas da dependência, incorporando a ela a crítica da cultura. Espera-se demonstrar o papel ideológico das telenovelas no contexto delimitado.

O estudo é dividido em três partes: Apresentação contextualizada da Teoria Crítica e do desenvolvimento do conceito de indústria cultural; Apresentação contextualizada da Teoria Marxista da Dependência e do desenvolvimento do conceito de subimperialismo; Aplicação teórica de ambos os conceitos no período destacado.

TEORIA CRÍTICA: ORIGEM E INFLUÊNCIAS

“Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”. Frase entoada a todos os ventos por militantes de esquerda. Nela está contido um problema fundamental: Como desenvolver um pensamento contrário à mera fetichização do existente? Fetichismo: “É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais.” (MARX, 2015, p.206). Fetichismo não é o mero ocultamento do conteúdo da riqueza social, base da sociedade capitalista. Fetichismo é a manifestação desse conteúdo sob uma *forma* objetiva, a-histórica. Uma teoria revolucionária, se deseja suprassumir a lei do valor, não pode ser fetichista.

A Teoria Crítica, desenvolvida pelos intelectuais da “Escola de Frankfurt”, tem como principal objetivo entender a derrota histórica da esquerda e a ascensão do irracionalismo nazi-fascista. Os primórdios da Escola de Frankfurt estão em 1923, ano de fundação do Instituto para Pesquisa Social, em Frankfurt. Inicialmente dirigido pelo economista Carl Grunberg, é dedicado à história da classe trabalhadora alemã e do socialismo. Em

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Alexandre Magno Teixeira de Carvalho.

1931, capitaneado por Max Horkheimer, o Instituto passa por uma guinada filosófica. A Revista para a Pesquisa Social torna-se seu órgão oficial. O texto "Teoria Tradicional e Teoria Crítica"(1937), escrito por Horkheimer, é considerado o manifesto da chamada Teoria Crítica.

Em "A Teoria Crítica ontem e hoje"(1970), Horkheimer distingue a "primeira Teoria Crítica"(anos 1930) - a que nos concerne - da "última Teoria Crítica"(anos 60/70). Além disso, nos anos 1950, adota tardiamente (e com ressalvas) a denominação "Escola de Frankfurt". "A primeira fase da Teoria Crítica se preocupa com questões teóricas do marxismo: "em que condições é possível uma teoria materialista do conhecimento?"(NOBRE, 2004, p.25)

O rótulo metonímico "Escola de Frankfurt" pode nos conduzir a tropeços. Não há uma homogeneidade de pensamento entre os autores englobados por ele. Segundo Marcos Nobre(2004), a adoção da alcunha por Horkheimer, nos anos 50, é marcada pelo retorno de alguns intelectuais do instituto à Alemanha. Anteriormente, a ascensão do nazi-fascismo lançou-os ao exílio nos Estados Unidos, onde o centro hegemônico do imperialismo pós-guerra seria realocado. No retorno, o rótulo tornou-se funcional para interpelar o debate público(não só o acadêmico) em torno da discussão sobre os três tipos de totalitarismo recentemente irrompidos: nazi-fascismo, stalinismo, e a sociedade unidimensional.

Concordamos com Marcos Nobre ao privilegiar o conceito "Teoria Crítica". Em oposição ao que Horkheimer chama de Teoria Tradicional, a Teoria Crítica é um pensamento da não-identidade, orientado pelo marxismo. Quando Horkheimer assume a direção do Instituto, reivindica o "materialismo interdisciplinar", uma maneira de se apropriar criticamente da especialização moderna - reunindo intelectuais de várias áreas do conhecimento - ainda que garantindo unidade, através do horizonte comum marxista. Assim, na acepção ampla, "produz Teoria Crítica todo aquele que desenvolve seu trabalho teórico a partir da obra de Marx."(NOBRE, 2004, p.22).

A partir do "texto-manifesto" de 1937, é possível entender Teoria Crítica em sentido estrito: refere-se à interpretação específica de Horkheimer sobre Marx, ao procurar utilizar os princípios marxianos para compreensão do momento histórico contemporâneo.

O pensamento da identidade vem desde a Antiguidade. Nele, ser e não-ser são momentos separados da realidade. Descartes, na Modernidade, o radicaliza, aumentando a quantificação e formalização do pensamento, em prol de um conhecimento duradouro, isto é, que resista à violência do tempo. Em "Dialética do Esclarecimento"(1944), Adorno e Horkheimer defendem que essa transição faz parte do processo de esclarecimento. Em suma, processo de crescente abstração e formalização do pensamento. Desde a Antiguidade, o ímpeto à autopreservação se assimilou à estrutura cindida da sociedade. Assim, o pensamento mítico almeja a dominação do real, controle e previsão dos acontecimentos futuros, em ordem de garantir a sobrevivência(e a exploração escravista). Contudo, a História é responsável por alterar a *forma* da dominação, quando a violência primeva da acumulação primitiva dá asas ao capitalismo. À dominação se associa um pensamento da identidade ainda mais radical, o da "razão instrumental". Nele, tudo - inclusive as ciências humanas - deve passar pelo crivo do método científico, formal e quantificado. O seu rebento deve ser o melhoramento da técnica, favorável ao "progresso", dentro de uma ordem estável. "Não-ser", instabilidade, torna-se um problema, na medida em que tudo aquilo que é volátil não pode ser dominado. A razão instrumental é um mero meio, desvincilhado da ética, e funcional à produção de valores de troca. Dominação assimilada à exploração(no sentido marxiano, extração de mais-valor). Por isso, identifica-se com a lógica abstrata da mercadoria, ou, em termos hegelianos, o momento positivo do real. Diferente do negativo, ele toma o "aqui e agora" como um dado estável.

Por outro lado, a Teoria Crítica valoriza o momento negativo. Assim, os teóricos críticos não estão preocupados em assimilar leis formais de causalidade no interior de um sistema fechado, a fim de indicar previsões do seu funcionamento futuro. O teórico crítico vê não-ser no ser. Ao mesmo tempo em que o capitalismo desenvolve as forças produtivas, proporcionando meios técnicos para a superação da escassez e universalização da liberdade e igualdade, ele também os bloqueia. São possibilidades históricas em contradição com a exploração inerente ao sistema. É trabalho da Teoria Crítica apontar tendências emancipatórias na realidade, bloqueadas no presente. A prática não é um momento separado dela, pois tais tendências só podem realizar-se por meio da práxis. "Não cabe a ela limitar-se a dizer como as coisas funcionam, mas sim analisar o funcionamento concreto delas à luz de uma emancipação ao mesmo tempo concretamente possível e bloqueada pelas relações sociais vigentes."(Ibid, p.32). A Teoria Crítica é avessa ao positivismo, responsável por meramente descrever o "aqui e agora", e ao normativismo, preocupado em criar modelos abstratos de sociedade.

“História e Consciência de Classe”(1923), de Gyorgy Lukács, terá enorme influência na Teoria Crítica. Para Lukács, a mercadoria é capaz de moldar a sociedade - objetiva e subjetivamente - à sua imagem e semelhança. Todos os fenômenos precisam ser analisados em referência a ela. Um processo de “reificação”.

O PROJETO DA TEORIA CRÍTICA

Desenvolvida sob a vitória do nazi-fascismo(após a incapacidade da esquerda alemã em contê-lo), seu principal projeto destina-se a explicar a irrupção da barbárie à luz da racionalidade moderna. Dialeticamente, a razão moderna é responsável pela irrazão dos campos de concentração. Em outras palavras, a racionalidade instrumental do capitalismo produziu o nazi-fascismo. Esse entendimento só é possível por meio da guinada filosófica do Instituto, empreendida por Horkheimer. No prefácio de 1946 ao “Eclipse da Razão”(1947), o filósofo afirma a necessidade de avaliar a irracionalidade no interior da racionalidade moderna.

O exílio nos Estados Unidos faria com que os teóricos críticos, sobretudo Adorno e Horkheimer, percebessem a formação de um novo totalitarismo, de aparência democrática, derivado dessa mesma racionalidade.

O TOTALITARISMO DA SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL

Theodor Adorno, Horkheimer, e Marcuse, fugindo da perseguição nazista, migram para o outro lado do Atlântico. O que encontram é um novo tipo de totalitarismo: a sociedade unidimensional(em termos marcuseanos). O conceito de “indústria cultural” será fundamental para desvelar o caráter totalitário dessa sociedade, cuja subjetividade está mais próxima do fascismo do que a consciência norte-americana do pós-guerra gostaria de admitir.

Nazismo, stalinismo e sociedade unidimensional são fenômenos privilegiados na reflexão crítica. Ambos estão intimamente ligados ao modo de racionalidade característico do capitalismo, a racionalidade tecnológica/instrumental.

Quando a civilização penetra a cultura, tudo aquilo que é volátil se petrifica. O pensamento negativo se desmancha no ar. Nessa constatação reside a oposição entre civilização e cultura. Segundo Herbert Marcuse(2021), cultura é o reino da autonomia, dos valores/fins que orientam um modo de vida. Por outro lado, a civilização é o reino da heteronomia, da necessidade, do trabalho. Nesse sentido, a cultura exerce o papel de negativo. A cultura é anti-identitária, oposta ao pensamento da identidade. Ela aponta para conceitos de liberdade, igualdade, felicidade, etc, ainda não realizados na sociedade existente. Na medida em que a cultura passa a ser mediada pelo fetiche da mercadoria, ela torna-se reificada. Os seus fins são substituídos pelos meios técnicos da razão instrumental, a qual organiza a produção e distribuição de mercadorias, sob uma sociabilidade própria, a sociabilidade das mercadorias. Do outro lado, a humanidade, coisificada, torna-se passiva, condenada a conformar-se ao comportamento exigido por essa racionalidade. As necessidades do sistema são identificadas com as necessidades individuais. Paradoxalmente, as primeiras negam a realização efetiva do indivíduo.

Adorno, em suas “Teses sobre a necessidade”(1942) lembra: “Não se deve pensar, escrever, realizar e fazer o que vai além dessa sociedade, que continua no poder através das necessidades dos que a ela se submetem.”(ADORNO, 2015, p.24). Tudo é remetido ao seu valor prático. Tão logo essa forma de sociedade desapareça, tem-se o “começo da arte”, “o inútil, cuja intuição tende à reconciliação com a natureza, pois não mais está à serviço do que é útil para o explorador.”(Ibid, p.235)

É característica da ideologia(na acepção crítico-negativa) a falsa identificação entre universal e particular. Os interesses da classe dominante apresentam-se como universais, mesmo dizendo respeito apenas à manutenção da dominação. Quando a cultura é integrada à infraestrutura, à civilização(no sentido aqui empregado), ela torna-se ideologia. Na sociedade unidimensional, em que a arte crítica é nivelada, ou seja, existe na mesma dimensão da arte conformista - a majoração pelo valor de troca - a ideologia não está mais na superestrutura. Não está nas grandes obras estatais de interpegação dos cidadãos, mas na própria esfera da circulação.

Sob a aparência de democratização do acesso à cultura, a indústria cultural esconde atrás do aparato tecnológico o encurtamento da distância entre produtor e consumidor, em prol da realização do valor. “Atravessando com soberba indiferença as divisões de classe, raça, sexo, alto e baixo, passado e presente, a mercadoria aparece como uma força anárquica e iconoclasta...”(EAGLETON, 1990, p.270)

O “mundo administrado”, como se referem os teóricos críticos, passa a vigorar no pós-Segunda Guerra Mundial(SGM). O Estado de Bem-Estar Social cumprirá o papel de integrar a classe trabalhadora à esfera do consumo; da cultura enquanto ideologia. Dessa constatação, esses teóricos retiram seu pessimismo. O sujeito revolucionário imaginado por Marx manteria-se conformista, mesmo com(e por causa do) avanço das forças produtivas. Por isso, em “Dialética do Esclarecimento”, Adorno e Horkheimer dedicam um capítulo sobre a “Indústria Cultural”, ou o “esclarecimento como mistificação das massas”. É o primeiro momento em que o conceito é formulado.

Em suma, “indústria cultural” refere-se “à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social.”(ADORNO, 1985, p.100). A cultura atravessada pela racionalidade instrumental.

A Indústria Cultural é um sistema unitário. Nesse sentido, cinema, rádio, televisão, publicidade, não podem ser entendidos como momentos separados. Ambos são incorporados à lógica da mercadoria e atuam em conjunto no fechamento do protesto negativo. Segundo Adorno, em *Prólogo à televisão*(1953), a televisão dá um passo adiante nisso: “Os hiatos que ainda restavam entre a existência privada e a indústria cultural, antes que ela dominasse toda a extensão do visível estão sendo preenchidos...”(ADORNO, 2020, p.208). Ela também é unitária no sentido de estar assimilada à lógica do sistema capitalista como um todo.

Suprindo ao indivíduo o engrandecimento do ego triturado pela alienação e reificação do processo de produção, a indústria cultural articula controle e mistificação/ideologia. A técnica a serviço da irrazão. Administração racional do lado irracional dos consumidores. Ela é o líder impessoal, substituto da autoridade paterna - e, portanto, objeto de amor e ódio - que organiza racionalmente os afetos irracionais do sujeito. Como diria Adorno, “tudo isso significa fascismo.”(ADORNO, 1985, p.126), em função da semelhança entre esses mecanismos direcionados à dinâmica pulsional do indivíduo àqueles utilizados pelo fascismo. Em ambos, a “necessidade” de adesão a essas formas de lidar com neuroses é derivada de uma realidade concreta: o trabalho alienado.

Para Benjamin(1994), a produção é enquadrada em um esquema. A repetição deste é avaliada pelos espectadores, que passam a exigí-lo. Tal avaliação é regida, portanto, pelo reconhecimento do bom funcionamento da máquina, sobretudo quando ela atinge primores técnicos. A qualidade artística substituída pelo fetichismo tecnológico².

A “ascensão do nazismo e fascismo veio acompanhada de um extraordinário desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, da propaganda e da indústria do entretenimento...”(NOBRE, 2004, p.46). A repressão nazi-fascista à organização da classe trabalhadora, o advento do monopolismo e a formação de uma aristocracia operária(produzindo um polo desigual de riqueza dentro do próprio operariado), junto à indústria cultural somam-se ao diagnóstico crítico de Horkheimer acerca das transformações do capitalismo. Atualizando Marx ao século XX, o autor chega à conclusão de que o protesto negativo estava bloqueado. “Com isso, era a própria ação transformadora, a própria prática que se encontrava bloqueada, não restando ao exercício crítico senão o âmbito da teoria.”(Ibid, p.46). O debruçamento sobre os princípios da obra de Marx, reincorporando Hegel contra o dogmatismo positivista, é produto dessa constatação. Ela renderia o rótulo de “escola da resignação” aos teóricos críticos.

TEMPO LIVRE?

Em 1969, Theodor Adorno ministra a conferência-ensaio “Tempo Livre”. Segundo o filósofo, a noção de “tempo livre” não é sinônimo de ócio. “Este era um privilégio de uma vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato...”(ADORNO,2021, p.97). O que se tem na sociedade capitalista é de outra ordem. Na verdade, tempo livre e tempo de trabalho referem-se a uma separação burguesa. Na esfera da produção, o sujeito vende sua força de trabalho, é trabalhador. Na esfera da troca, é consumidor. No primeiro caso, ele aparece como livre vendedor da mercadoria força de trabalho. No segundo, como livre consumidor. Ao amanhecer, o sujeito é trabalhador; ao entardecer, consumidor compulsivo. Em ambos, o que predomina é a dominação exercida pela razão instrumental. Em ambos, o sujeito permanece na caverna solipsista da mercadoria. Assim, “também a atividade supérflua e sem sentido do tempo livre é socialmente integrada.”(Ibid, p.105). O Welfare reduziu a jornada de trabalho, mantendo os trabalhadores na alienação.

² Walter Benjamin escreveu “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” em 1936, premeditando muitas das observações de Adorno e Horkheimer na “Dialética do Esclarecimento”. Contudo, a inusitada combinação de Messianismo, Romantismo e Marxismo distancia-o da filiação à “Escola de Frankfurt”.

Ao tempo livre é assimilada a ideologia do hobby. A publicidade(integrada nesse sistema unitário) instiga o indivíduo a ter uma atividade em seu tempo livre, quase como um pressuposto ontológico. No entanto, a finalidade dessa atividade está no próprio consumo, e não no desenvolvimento qualitativo do sujeito.

AVISO DE INCÊNDIO

Suspendemos, por ora, essas reflexões, para dar lugar ao contexto latino-americano do pós-guerra.

“No interior do pensamento de esquerda[latino-americano], confrontaram-se, na década de 1960, principalmente quatro correntes ideológicas: os partidos comunistas vinculados à Terceira Internacional, o foquismo, a Cepal e a Escola da Dependência.”(MARINI, 2005, p.16). Entender a natureza e particularidades das economias latino-americanas e, em especial, do Brasil, implicava desenvolver táticas e estratégias distintas em torno das lutas por emancipação.

A Organização Revolucionária Marxista-Política Operária(POLOP) surge em um momento no qual o desenvolvimentismo e o marxismo imbuído de positivismo mascaravam as condições objetivas para o Golpe. Analogamente, nos anos 30, o Instituto de Pesquisa Social procurava entender a racionalidade subjacente à barbárie fascista que batia às portas da Europa. Ambos conseguiram vaticinar sobre os perigos do otimismo cego inscrito na racionalidade abstrata da mercadoria. Ambos sofreram o impacto do incêndio que ameaçava alastrar-se. Os teóricos críticos se exilam nos EUA. Walter Benjamin é suicidado. Os principais membros da POLOP exilam-se pela América Latina. No Brasil, seriam esquecidos e substituídos pelo pensamento hegemônico de FHC e Falletto.

RECALCAMENTO INTELECTUAL

Ruy Mauro Marini “lá pelos idos de 1962, integra-se, ao coletivo de professores que passaram a lecionar ciência política na Universidade Nacional de Brasília(UnB).”(MARINI, 2005, p.9). Além de contribuir no debate de um projeto para o Brasil, sua atuação não era meramente acadêmica, como demonstra sua inserção na POLOP(fundador e dirigente) e a posterior atuação no MIR(Movimento de Izquierda Revolucionária). 1964 levaria a “todo o grupo[da UnB], em função de suas idéias e do seu compromisso político,[...] a deixar a UnB e amargar o exílio. Marini foi para o México, onde ficou de 1964 a 1969.”(Ibid, p.9). De lá, sairia seu primeiro livro, “Subdesarrollo y Revolución”(1969). Este “Abriu espaço tanto para as críticas desenvolvidas pelos ideólogos contrários ao marxismo, cujo representante máximo foi Fernando Henrique Cardoso, quanto para a construção coletiva propiciada aos pensadores de esquerda no continente.”(Ibid, p.9). Posteriormente, “Dialéctica de la dependencia”(1973) apresentaria um desenvolvimento ainda mais avançado de suas teses.

Prestigiado internacionalmente, permaneceu ignorado no Brasil. A tradução de “Subdesarrollo y Revolución” só foi publicada no Brasil em 2013! O Instituto de Estudos Latino-Americanos(IELA), responsável por essa publicação, também trouxe ao Brasil outra importante obra que será objeto de nossas investigações: “Socialismo o Fascismo”, de Theotônio dos Santos. Publicada no México em 1978. Traduzida no Brasil em 2018...

POLOP E AS ESQUERDAS

Fundada em São Paulo(1961), a POLOP exerceu forte influência intelectual e política no movimento estudantil e operário. Após a desarticulação exercida pelo Golpe, viria a extinguir-se “no decorrer da primeira metade dos anos 80.”(MEYER, 2009 p.1), já sob o impacto da fundação do Partido dos Trabalhadores e da gestação da CUT.

Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini compunham a POLOP. São os principais autores do que se chamou “Teoria Marxista da Dependência”. Influenciada pelo clássico “desenvolvimento do subdesenvolvimento” de André Gunder Frank, eles entendem que o subdesenvolvimento na América Latina existe em unidade dialética ao desenvolvimento da Europa. Um rompimento claro com a lógica da identidade. Desenvolvimento e subdesenvolvimento são dois opostos que se complementam e que necessitam um do outro para existirem, assim como o senhor e o escravo. Marini sintetiza brilhantemente: “A história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento do sistema capitalista mundial.”(MARINI, 2013, p.43). Unidade encerrada apenas com o socialismo.

Já no clássico “Formação do Brasil Contemporâneo”(1942), Caio Prado Júnior(1992) defendia que a colonização brasileira, nos marcos da expansão mercantilista, já era uma empresa capitalista.

“Em oposição ao modelo interpretativo dominante na Terceira Internacional e no Partido Comunista Brasileiro(pelo menos a partir de 1930), ele insiste em que nosso país não é e jamais foi feudal ou semifeudal e, por isso, não careceu nem carece de uma “revolução agrária e antiimperialista” para se tornar moderno e capitalista.”(COUTINHO, 1989, p.115-116)

Caio Prado era uma voz dissonante no Partidão. Carlos Nelson Coutinho percebe a potência do autor em caracterizar nossa via “não clássica” de capitalismo(na linguagem leniniana). “Característica da via “não clássica”, ou “prussiana”, é precisamente essa complexa articulação entre “progresso”(a adaptação ao capitalismo) e conservação(a permanência de importantes elementos da antiga ordem).”(Ibid, p.119). O “atrasado” não bloqueia, e sim é funcional ao “novo”.

No entanto, “A preocupação de Caio Prado não se centrava na compreensão dos mecanismos da dependência estrutural dos países da América Latina, na forma particular como se desenvolverá o capitalismo no continente, essencialmente em sua fase imperialista.(MARINI, 2005, p.20)

O que cabe ressaltar, quanto ao PCB, é que “O próprio golpe militar revelou que sua estratégia política, ao confiar na aliança com a burguesia nacional, era totalmente equivocada.”(Ibid, p.21). O “PCB não apenas contribuiu para aumentar o poderio do grande capital - fato revelado pelo conteúdo cada vez mais “desenvolvimentista” e menos nacionalista e reformista da política econômica -, mas também neutralizou o aspecto positivo desse processo, isto é, a maior concentração da classe operária...”(MARINI, 2013, p.205). Não obstante, a Revolução Cubana(1959) negava em ato a tese etapista.

A Comissão Econômica para a América Latina(Cepal) surge “na mesma época em que são criados o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial”(Ibid, p.22-23), organismos que, segundo Marini, garantiriam a hegemonia estadunidense no pós-guerra. Não possuía nenhum objetivo revolucionário, mas apenas administrar as “desigualdades” do capitalismo, focalizando a relação Centro-Periferia. Defendia uma política de industrialização por substituição de importações, capitaneada pelo Estado. A Ditadura, e o fim do que Marini chama de “cooperação antagonista”, também coloca em cheque esse projeto.

Em outras palavras, tanto a Cepal quanto o PCB apresentavam propostas inadequadas à superação da dependência brasileira e que, portanto, conservavam as irracionalidades inerentes a ela, como ficou claro em 1964.

Marini, no entanto, recusa tomar o PCB ou tampouco o populismo(informado pela Cepal) como único culpado da derrota da esquerda.

“Em última instância, essas razões[da derrota] se reduzem à incapacidade de captar a essência do processo que a esquerda estava vivendo e afirmar uma estratégia global de ação. Na medida em que visualizaram aspectos parciais desse processo com perspectivas limitadas, **as diferentes forças da esquerda** tenderam a se posicionar antagonicamente na luta de classes, sem poder constituir o bloco unido que a situação criada em 1964 exigia.[grifos nossos]”(MARINI, 2013, p.217)

A POLOP era uma das tendências que procurava entender a “essência do processo”. Destacava “a) a questão do caráter da revolução brasileira; b) a determinação das classes revolucionárias e seus aliados; c) a forma que assumirá o processo revolucionário nas condições concretas do país.”(Ibid, p.218). Ainda assim, devido a uma série de erros táticos apontados por Marini - que não cabem serem elencados - ela também foi incapaz de aglutinar a esquerda.

“Toda radicalidad de la teoría marxista está atravesada por la negación.”(OSÓRIO, 2015, p.21). É preciso recusar a “substituição do fato concreto pelo conceito abstrato” e a “adulteração do conceito em nome de uma realidade rebelde para aceitá-lo em sua formulação pura.”(MARINI, 2005, p.137). O pensamento negativo entende que, já em sua forma embrionária, o capitalismo dependente comporta suas futuras contradições. Já na economia exportadora, ele nasce como “capitalismo sui generis”. Não somos iguais aos países avançados, mas tampouco nos encontramos em um sistema à parte. Assim, “é o conhecimento da forma particular que acabou por adotar o capitalismo dependente latino-americano o que ilumina o estudo de sua gestação e permite

conhecer analiticamente as tendências que desembocaram nesse resultado.”(Ibid p.138-139). Compreendê-lo possibilita pensar suas possibilidades de emancipação.

SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO

“A superexploração do trabalho constitui...o princípio fundamental da economia subdesenvolvida, com tudo que isso implica em matéria de baixos salários, falta de oportunidades de emprego, analfabetismo, subnutrição e repressão policial.”(MARINI, 2013, p.52). Ela é o principal sintoma da dependência. Dado que nossas mercadorias realizam o seu valor no mercado externo, “o mecanismo econômico básico provém da relação exportação-importação...”(Ibid, p.50). Nossa força de trabalho é paga abaixo do seu valor(superexplorada), sustentando sobre seus ombros a Divisão Internacional do Trabalho(DIT).

Inseridos na Divisão Internacional do Trabalho, os países dependentes realizam um “intercâmbio desigual”, vendem as matérias-primas e alimentos a um preço abaixo do valor de produção e compram os manufaturados a um preço acima. Isso não ocorre em face de um aumento de produtividade, mas pela superexploração da força de trabalho. Portanto, o enigma do intercâmbio desigual é resolvido na esfera da produção. A superexploração eleva a mais-valia absoluta nos países dependentes, em paralelo ao aumento da mais-valia relativa nos países centrais, que implementaram novas tecnologias, através de **nossas** matérias-primas, e especializaram a população do campo nas cidades, por meio do fornecimento dos **nossos** alimentos, os quais também barateiam a reprodução dessa força de trabalho.

Quanto à conceituação de “dependência”, Marini se distancia de Gunder Frank, pois “a situação colonial não é o mesmo que a situação de dependência. Ainda que se dê uma continuidade entre ambas não são homogêneas...”(MARINI, 2005, p.141) Ela é “entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência.”(Ibid, p.141)

“Como a circulação se separa da produção e se efetua basicamente no âmbito do mercado externo, o consumo individual do trabalhador não interfere na realização do produto, ainda que determine a taxa de mais-valia.”(Ibid, p.164). Tem-se o aval para a superexploração ininterrupta da força de trabalho. Por outro lado, “na periferia os trabalhadores não se transformaram em sujeitos do consumo”(Ibid, p.34).

IMPERIALISMO: ESTÁGIO SUPERIOR DO CAPITALISMO

“A construção da chamada Teoria Marxista da Dependência(TMD[...])parte da teoria do imperialismo de Lênin e propõe toda uma formulação teórica que estabelece uma forma peculiar de relação.”(TRASPADINI, 2014 p.187-188). A TMD a incorpora sob a ótica dos países dependentes. Ela “esforça-se em demonstrar como cada fase de expansão ou contração do grande capital monopolista implica em uma determinada DIT que, por sua vez, determina as formas predominantes de inserção das economias dependentes latino-americanas ao mercado mundial...”(Ibid, p.188).

O imperialismo é o estágio superior do capitalismo. “Superando a era concorrencial livre pelo monopólio no qual um pequeno e resolutivo número de gigantescas empresas concentra e centraliza o poder de mando do capital sobre o trabalho.”(Ibid, p.190). Sai na frente quem realiza inovações tecnológicas constantes.

Baseado em Rudolph Hilferding, Lênin conceitua a nova função dos bancos no imperialismo. Eles “dispõem de quase todo o capital monetário do conjuntos dos capitalistas e pequenos proprietários, bem como da maior parte dos meios de produção e das fontes de matérias-primas de um dado país ou de uma série de países.”(LÊNIN, 2021, p.53)

Dependentes tecnológica e financeiramente somos iludidos com a promessa de desenvolvimento trazida pelos empréstimos estrangeiros. “A exportação de capital fortalece o poder territorial dos monopólios, em escala internacional, e ressignifica o papel dos Estados nacionais centrais sobre os Estados nacionais periféricos.”(TRASPADINI, 2014, p.195). A exportação de capital torna-se um meio para estimular a exportação de mercadorias(atravs de cláusulas de empréstimo).

O NOVO CARÁTER DA DEPENDÊNCIA

“Já se foi o tempo do modelo simples centro-periferia, caracterizado pelo intercâmbio de manufaturas por alimentos e matérias-primas.”(MARINI, 2012, p.43). No pós-guerra, a integração dos sistemas de produção,

capitaneada pelos EUA, através da exportação de capital, leva a uma nova etapa na DIT. Como já pontuado, os organismos derivados de Bretton Woods são essenciais nesse processo.

“O período da hegemonia britânica havia sido o da criação e da consolidação do mercado mundial; o período da hegemonia norte-americana haveria de ser o da integração imperialista dos sistemas de produção.”(Ibid, p.35). “Além de permitir-lhes centralizar uma enorme quantidade do capital-dinheiro internacional... o conflito bélico[SGM] havia impulsionado um desenvolvimento econômico e tecnológico nos EUA, ao mesmo tempo em que os dotava - graças ao armamento atômico - de uma superioridade militar absoluta.”(Ibid, p.32). “Detendo enormes massas de capital, os monopólios norte-americanos as direcionaram para o exterior.”(Ibid, p.36). O que há de novo nessa exportação de capital? “A escala que os investimentos de capital fora de seu país de origem têm alcançado; o predomínio destes em investimento direto e, mais recentemente, o peso dos empréstimos e financiamentos; a amplitude do raio geográfico que cobrem, e a percentagem cada vez maior dedicada à indústria manufatureira.”(Ibid, p.36). O investimento no setor manufatureiro serve para “criar mercado para as indústrias de bens de capital...”(Ibid, p.41), como a já aludida relação com a indústria bélica estadunidense.

Segundo Santos(2018), o aumento dos investimentos diretos no setor manufatureiro, apesar de propiciar urbanização e industrialização, não elimina a dependência. “Nestes países, a industrialização e o capital estrangeiro se associam e se tornam progressivamente uma só realidade.”(Ibid, p.37).

Nos anos 30, a burguesia industrial, a nova classe média e a “intelligentsia” encontram sua principal base de massas no proletariado urbano recém-emigrado do campo e, por meio do populismo, buscaram conduzir uma política de desenvolvimento.”(Ibid, p.51). No pós-guerra, com a integração monopólica, isso muda. “Com a formação de um bloco das classes dominantes latino-americanas unificado através do capital estrangeiro, o setor industrial dessas classes abandona, conseqüentemente, suas posições nacionalistas.”(Ibid, p.52). A gênese dos golpes militares está na necessidade da burguesia industrial “substituir as formas políticas de controle do movimento popular e garantir uma política de ampliação da taxa de lucro, permitindo assim a formação dos capitais capazes de criar uma grande indústria pesada.”(Ibid, p.53)

A radicalização das massas camponesas e proletárias seria freada por esse processo. Processo no qual o Brasil viria a ser “subimperialista”(conceito desenvolvido em “Subdesarrollo y Revolución”), um “centro mediano de acumulação”, contribuindo para a destruição das resistências ao bloco capitalista, ameaçado, sobretudo, por Cuba. A elite tecnocrático-militar no poder adquire uma autonomia relativa, ainda que cumprindo os desígnios da política externa estadunidense. Isso é sintetizado na doutrina da “interdependência continental”, teorizada pelo general Golbery de Couto e Silva.

Nada mais distante da burguesia anti-imperialista idealizada pelo PCB e pela Cepal.

TECNOLOGIA E SUBDESENVOLVIMENTO

No “Prefácio Político” de 1966 a *Eros e Civilização*, Marcuse, pessimista quanto à sociedade unidimensional, faz uma interessante observação sobre o chamado Terceiro Mundo: “A vantagem histórica das nações mais novas, do seu **atraso técnico**, talvez seja a de poderem **saltar o estágio de sociedade afluyente**..[grifos nossos]”(MARCUSE, 1975. p.18).

N”O Homem Unidimensional”(1964), o autor já havia identificado razão tecnológica e dominação. Mesmo um país socialista precisaria desenvolver um novo conceito de tecnologia, em ordem de erradicá-la. Ora, lembra Marini: a Ditadura subimperialista brasileira realiza a incorporação tardia da tecnologia dos países desenvolvidos.

“Ao optar por sua integração ao imperialismo e ao depositar na entrada de capital estrangeiro suas esperanças de reativar a expansão econômica, a burguesia brasileira concorda em intensificar o processo de renovação tecnológica da indústria. Atende, assim, aos interesses da indústria estadunidense, à qual convém instalar, para além de suas fronteiras, um parque integrado que absorva os equipamentos tornados obsoletos pela rápida evolução tecnológica.”(MARINI, 2013, p.127-128)

Tendo sido a “padronização[bélica] levada a cabo nos marcos da Organização do Tratado do Atlântico Norte(OTAN)...a indústria de guerra dos Estados Unidos criara um mercado permanente para seus excedentes na América Latina...”(MARINI, 2013, p.124-125). Em 1966, por exemplo, Vitorio Ferraz - presidente do Grupo

Permanente de Mobilização Industrial(GPMI) - declara sem pudores à imprensa brasileira: “Colaborando com o **extermínio** do Vietcongue,[o Brasil] aproveitaria a capacidade ociosa de suas fábricas e daria lugar à criação de 180 mil novos empregos. Simultaneamente, combateremos o comunismo e nossos problemas de emprego.”[grifos nossos](Ibid, p.125). Seja patriota, mate um vietcongue!

1961-1964

Se não fosse pela rádio da Campanha da Legalidade, 1964 converter-se-ia em 1961. A integração monopólica do capitalismo mundial, dialeticamente, produz as condições para a radicalização política. Provém do desemprego decorrente da incorporação tecnológica(capital constante) e do êxodo rural. De 1961-1964, as centrais estudantis, sindicais e camponesas expressam a radicalização da luta de classes, cuja superestrutura resulta na instabilidade política do governo João Goulart.

No Governo Goulart, “as reivindicações operárias se radicalizaram, através de greves cada vez mais frequentes e amplas, e a classe média entrou em pânico diante da ameaça concreta de proletarização.”(MARINI, 2013, p.18). “Filha do medo, a raiva é mãe da covardia”. A classe média desesperada irá comprar a campanha anticomunista. “Quando a agitação alcançou o setor militar, com a rebelião dos marinheiros, em março de 1964, ficou claro que, frente a oposição radical a qual a luta de classes fora conduzida, o poder estava vazio.”(Ibid, p.118).

A PEQUENA-BURGUESIA SEDUZIDA PELO FASCISMO DEPENDENTE

Adorno(2015) captou a essência psicossocial do fascismo. O Ego enfraquecido pela alienação e reificação capitalista procura ordem e gratificação no líder fascista. Pulsão de Eros e Pulsão de Morte. Eros no enamoramento com o líder. Morte na destruição ritualística do bode expiatório, supostamente responsável por abalar a unidade da massa atomizada. Theotônio dos Santos afirma que

O **movimento** fascista pode cumprir o papel de regenerador do capitalismo porque expressa exatamente os **temores**, os **desejos**, as **ambições** e o **valores** pequeno-burgueses, livres das *travas sociais* que cotidianamente sufocam a pequena burguesia.”[grifos nossos](SANTOS, 2018, p.87)

O pequeno-burguês faz parte da base social do **movimento** fascista. Ele é “a base social adequada para reprimir o movimento proletário.”(Ibid, p.88). Ele “odeia o proletariado por ser menos culto...mas que, por outro lado, está muito mais organizado, possui renda superior às das camadas baixas da pequena burguesia e tem o futuro a seu lado. Finalmente, o pequeno-burguês odeia o proletariado por representar o símbolo de sua futura proletarização, que quer evitar a todo custo.”(Ibid, p.88). Busca a ordem na unificação nacional. Além disso, a grande burguesia é a camada alta da base social fascista. No contexto dependente, as multinacionais estadunidenses irão representar essa fração.

“O fascismo surgiu historicamente nas potências hegemônicas, nas metrópoles coloniais. Porém, é necessário dizer que tanto na Itália, quanto Alemanha, Espanha e Portugal eram potências de segunda classe.”(Ibid, p.91). Nos países dependentes de *Nuestra América*, “Brasil e Argentina também são países atrasados cujas burguesias desejavam ou desejam impor um poder econômico e político imperial sobre a América Latina.”(Ibid, 2018, p.90). Mas o “fascismo dependente” precisa enfrentar o seguinte enigma: Ruindo o apoio das massas urbanas ao populismo, o que resta para agregar a nação em torno de seu projeto?

“O populismo perde sua vigência histórica em razão do fracasso da classe social que lhe deu origem e o hegemonizou. As burguesias locais, que haviam conquistado certa autonomia no mercado internacional durante a depressão mundial de 1929-1934...tentaram impulsionar um desenvolvimento industrial baseado no capital nacional, na defesa de seu mercado interno por meio do protecionismo cambial, na importação de tecnologia e em um conjunto de medidas de desenvolvimento. **Tais anseios foram em vão**, porque após o término da guerra e com o início de um novo ciclo de acumulação capitalista em escala mundial...a burguesia

internacional passou a ocupar o espaço destas burguesias locais.[grifos nossos]”(Ibid, p.92)

Como apontam Marini e Santos, as contradições internas engendradas pela integração monopólica tendem à radicalização das massas. Qual o melhor instrumento contra ela, senão o *bigstick*-eletrônico-televisivo? Ele contribui para um Estado nacional forte, pré-requisito do subimperialismo.

O capital videofinanceiro será a substituição do populismo como base de massas burguesa. Afinal, em decorrência “da apatia política de amplos setores pequeno-burgueses e de trabalhadores...[em contraste à] capacidade real de conquistar seu apoio ativo”, o fascismo dependente “se mostra...politicamente mais frágil do que os modelos clássicos.”(Ibid, p.95). “O fortalecimento do Estado nacional nos países dependentes atua, de fato, como um dos elementos que, de maneira contraditória, asseguram o desenvolvimento da integração dos sistemas de produção.”(MARINI, 2012, p.64). Em outras palavras, o processo de integração não encerra os Estados nacionais.

DESEMPREGO, FOME E VIOLÊNCIA

Florestan Fernandes foi outro importante teórico das “vias não-clássicas” do capitalismo. No capitalismo dependente brasileiro, tem-se “uma forte dissociação pragmática entre desenvolvimento capitalista e democracia; ou...uma forte associação racional entre desenvolvimento capitalista e autocracia.”(FLORESTAN, 2020, p.290). A violência de Estado é um traço nevrálgico do nosso capitalismo dependente, direcionada à revolta das massas superexploradas e desempregadas e seus “altos níveis de aspiração ou...pressões compensadoras à democratização da participação econômica, sociocultural...”(Ibid, p.290)

A “autocracia burguesa” só pode ser entendida sob a necessidade de “continuidade do desenvolvimento capitalista dependente e subdesenvolvido” por parte das burguesias centrais(Ibid, p.291). Publicado em 1975, “A Revolução Burguesa no Brasil” qualifica a nossa Ditadura como uma “ditadura de classe preventiva” na fase monopolista do capitalismo.

Outro traço nevrálgico da dependência, e que fomenta as “irrupções de massa”, é a presença dos “inempregáveis”.

“Na América Latina o exército industrial de reserva é um conceito que não serve para expressar a realidade, porque a maioria da população está situada em um patamar inferior à classe operária e não tem condições de ser integrada como força de trabalho regular.”(VASCONCELLOS, 2015, p.131)

Não estão “fora” do sistema, mas representam sua outra face. A concentração fundiária característica da nossa inserção na DIT e o posterior incremento técnico(acompanhado de redução do “trabalho vivo”) expõem esses sujeitos.

Chico de Oliveira(2015) destaca “o papel do “exército de reserva” nas cidades, ocupado em atividades informais...[que] fazia parte do rebaixamento do custo de reprodução da força de trabalho urbana.”, “o caso da autoconstrução e dos mutirões...[implicando que] os pobres, incluindo também os proletários...são proprietários de suas residências - se é que se pode chamar assim o horror das favelas -, e assim reduzem o custo monetários de sua própria reprodução.”(Ibid,p.85), bem como a agricultura de subsistência, que beneficiava a acumulação interna de capital.

CAPITAL VIDEOFINANCEIRO

“Es en los monopolios y en las industrias y en los sistemas coloniales donde hay que buscar la ideología del capitalismo, mucho más que en las declaraciones doctrinales de sus representantes.”(SILVA, 2011, p.49)

Na fase imperialista do capitalismo, os capitais individuais estão subordinados ao capital financeiro. A indústria cultural não escapa disso.

We’ve come to a full circle: A televisão, enquanto setor hegemônico da indústria cultural brasileira, irá representar os interesses monopolistas *desde afuera*. Sem a transfusão de sangue do capital financeiro, direcionado ao setor publicitário, ela não sobrevive. Tem-se o que Vasconcellos denominou “capital videofinanceiro”.

“O capitalismo tornar-se-á videofinanceiro com a **simbiose** TV e banco. Dramaturgia de direita e *banking department*...O capital da acumulação financeira se faz com televisão. A bolha financeira é televisiva.[grifo nosso]”(VASCONCELLOS, 2018, p.11)

Lembre-mos da lição de Adorno: A indústria cultural opera em sentido unitário, no todo do sistema. Cinema, televisão e publicidade não estão deslocados. A televisão, por meio do superfetichismo, garante a continuação da reprodução ampliada do capital, vinculando-se à publicidade. Essa sinfonia dissonante(tempo livre e especulação financeira no tempo) é regida pelo capital financeiro.

A publicidade cumpre papel na manutenção desse mecanismo em meio à iminência de uma bolha financeira, na medida em que estimula o consumo, realização das mercadorias representadas pelo capital fictício. Televisão e capital fictício estão em relação *simbiótica*. Não existe capital financeiro sem o vídeo. Não obstante, nenhuma publicidade pode sublimar, com seu feitiço, a perda do poder de compra da classe trabalhadora. Lembremos que nossos trabalhadores são superexplorados, havendo, portanto, uma enorme concentração de renda no país.

A circulação sanguínea do capital para de funcionar na medida em que o capital fictício é incapaz de remeter à riqueza real.

Segundo Vasconcellos,

“Sem perder de vista a conquista das audiências populares dos dois brasis mantém[se a mídia] o “padrão de qualidade” tecnológica, ou seja, a líder da mídia detém capital financeiro para reproduzir-se com tecnologia capitalista dos países ricos, além de apresentar-se como fonte de acumulação de capital em nível interno...”(VASCONCELLOS, 1998, p.109)

Fala-se em “dois Brasis”, devido à concentração de renda característica do Brasil. A força de trabalho superexplorada não frequenta o mercado interno. Retomando a reflexão de Adorno, se nos países centrais há a transformação do trabalhador em consumidor, o mesmo não se realiza por completo nos países dependentes.

O “padrão Globo de qualidade” é “expressão do capitalismo videofinanceiro na combinação de monopólio econômico e indústria cultural. A aceitação coletiva desse padrão de qualidade veicula evidentemente um tipo de estética com determinados valores ideológicos.”(Ibid, p.109). A telenovela é a representação máxima desse modelo estético.

Dessa forma, “na direção política e administrativa do Estado, qualquer “plano econômico” dependerá da *mis-en-scène* da indústria cultural.”(Ibid, p.112).

No Brasil, há um agravante: “vários autores têm lembrado que a televisão(ao lado do rádio) é um elemento fundamental no processo de socialização dos indivíduos, já que a escola e o sistema tradicional de ensino sofrem de uma incapacidade crônica.”(BOLAÑO, 2004, p.35). O rechaço militar ao CIEPs que o diga!

TELEVISÃO E SUBDESENVOLVIMENTO

Segundo Reich(1977), a família, “completamente imbuída pelas ideologias da sociedade”, constitui o locus de reprodução da ideologia na criança(Ibid, p.34). Ela é o “Estado em miniatura”. No pós-guerra, a TV passa a ocupar o papel da família. Dessa forma, sendo o principal locus da ideologia e também uma extensão do Estado.

Segundo Ludovico(2023), é necessária uma teoria psicanalítica para entender o caráter ideológico da televisão. Afinal, as mensagens transmitidas por ela apresentam-se em nível “manifesto” e “latente”. Freudianamente, atuam na “consciência” e na “pré-consciência”(conjunto de representações suspensas que podem vir à consciência). Uma mensagem comercial pode apresentar-se como tal: uma mensagem comercial. Mas, de forma latente, implica a naturalização do *médium* social mercadoria. Não trata-se de mera “ilusão”, mas um “ sistema preconiente de representaciones”(SILVA, 2011, p.46), inculcado desde a infância. O trabalho psíquico molda um produto destinado a valorizar/reproduzir um interesse alheio(ideologia), assim como o trabalho alienado transforma valores de uso em valores de troca. Uma “mais-valia ideológica”, diz Ludovico, semelhante à mais-valia material.

O fenômeno de coisificação das pessoas e personificação das coisas - fetichismo - realiza um salto qualitativo na TV: “superfetiche”, fetiche derivado de fetiche. Enquanto mercadoria, a televisão fala de outras mercadorias. Estas, nas propagandas(motor da mais-valia material televisiva) falam delas mesmas(Ibid, p.66).

Contudo, tal como o capitalismo, apesar da TV guiar-se por leis gerais, ela também possui expressões particulares. Da mesma forma que a teoria do capitalismo dependente não pode prescindir das leis gerais do capitalismo(Ibid, p.30).

Para Ludovico Silva, “o capitalismo monopolista é televisivo desde 1945, data em que surgiram a televisão, o dólar como moeda internacional e a bomba atômica...”(SILVA, 2023, p.6), consolidando a hegemonia estadunidense. O autor venezuelano entende que a televisão cumprirá papel determinante na reestruturação produtiva do pós-guerra.

A televisão será o principal meio ideológico de manutenção da dependência sob a nova DIT.

“Ludovico está preocupado com o “tempo livre” na sociedade periférica e subdesenvolvida (trabalhador, lumpesinato, crianças, donas de casa e idosos) e a sua expropriação pela classe dominante local e pelos países centrais do capitalismo....”(GRAVINA, 2017, p. 8)

Aqui, diferente dos EUA, não é o pleno emprego que traz o “tempo livre” do consumo compulsivo.

“Esta forma de explotación es particularmente intensa y dirigida en las zonas subdesarrolladas como Latinoamérica, donde las tensiones sociales cada vez más exacerbadas necesitan de grandes “refuerzos” ideológicos para no estallar o disfrazarse de “desarrollismo”.”(Ibid, p.57). Não obstante, a repressão física intensa ainda se fará necessária na autocracia burguesa.

CINEMA PLIM-PLIM

A entrada da TV Globo no mercado, em 1965, e, na década de 1970, sua consolidação como “ primeira rede(broadcasting) do país, responsável por um processo vertiginoso de concentração de mercado e de expansão nacional e logo internacional”(BOLAÑO; MANSO p.88), garante a formação de hábitos de audiência e a criação de barreiras aos novos capitais.

“As vinculações da Globo com o novo regime e sua adequação ao projeto de modernização autoritária e à ideologia da segurança nacional lhe conferiram um papel destacado, dada a adesão do público ao padrão de produção por ela implantado...na construção do consenso.”(Ibid, p.88-89).

Diferente do modelo europeu - estatal/misto - e do norte-americano - privado, mas regulamentado - a Ditadura implementa um sistema televisivo privado sem rédeas. A garantia do poder de lobbying e de manipulação à empresa privada prejudicará uma redemocratização efetiva pós-88.

“A extinção da Embrafilme e do Concine, em 1990, deve ser considerada como um ponto de corte fundamental na história do cinema brasileiro.”(Ibid, p.90). Encerra-se um modelo de financiamento, despencando a produção de filmes nacionais. “Mas, mais do que isso, trata-se do fim de uma longa era do cinema brasileiro, em que este era entendido como uma indústria nacional que deveria ser protegida, na perspectiva do modelo mais geral herdado do período de substituição de importações e da industrialização brasileira.”(Ibid, p.90). Paralelamente,

“a Rede Globo...se torna o maior produtor audiovisual nacional e adquire inclusive certa competitividade no mercado internacional, respaldada pela capacidade que tem de amortizar internamente seus custos de produção antes da exportação. No que se refere à exibição de filmes na televisão, a política da Globo e de suas competidoras era(e continua sendo basicamente) a de reforço da produção norte-americana. A produção nacional será sistematicamente excluída da telinha.”(Ibid, p.91).

O cinema da Embrafilme, ao contrário, tratava-se de produções independentes e padrões de produção próprios, distintos do “padrão Globo”. Em 1998, é criada, pelas organizações Globo, “a Globo Filmes, empresa que atua por meio de parcerias de produção com produtores independentes e distribuidores nacionais e internacionais.”(Ibid, p.92). Ela detém vantagem competitiva, na medida em que se vale da publicidade, do merchandising nas telenovelas, do “star system” e do equipamento, reduzindo os custos de produção. Há, assim,

o que Adorno já havia apontado sobre a indústria cultural constituir um “sistema”. Isto é, seus diferentes meios remetem-se mutuamente.

Assim, “a empresa consegue manter um padrão de produção bastante homogêneo, que nestes mais de 40 anos de produção de telenovelas, condicionou fortemente o olhar do espectador.”(Ibid, p.93).

“Do ponto de vista do padrão tecno-estético em termos mais amplos, a Globo inaugura uma nova forma de fazer cinema no Brasil, que o subordina a uma lógica mais global de rentabilização e controle de audiências...Uma das formas de atração do público às salas de cinema usadas pela Globo é a transposição de conteúdos televisivos para a telona.”(Ibid, p.94).

Tudo remete ao seu padrão tecno-estético(hegemonicamente identificado com a telenovela e Hollywood).

TELECONTRARREVOLUÇÃO NOVELÍSTICA

Paulo Arantes(2023) lembra que o “agora vai...” é estado de ânimo característico das economias dependentes, cujo espelho são os padrões societários centrais. A telenovela apresentou um percurso parecido. Identificada com o Brasil modernizante do “milagre econômico”, viria a demonstrar sinais de decepção no final dos anos 80.

Qual é a mais-valia ideológica dos marginalizados e crianças diante da telenovela?

A telenovela, junto ao telejornal, será a principal mercadoria da Rede Globo. Nelas, há o predomínio da cultura da Zona Sul, do Rio de Janeiro(onde se instala o Centro de Produção Globo). “Tece uma perspectiva cultural, própria do capitalismo de uma elite carioca. Mesmo que o ambiente geográfico possa ser outro, a sua hegemonia parece permanecer.”(RAMOS; FREITAS, 2015, p.21). Os seus “meios de produção estreitam fantasiosamente a convivência com os pobres.”(Ibid, p.21). Além disso, “os novos ricos são os mais requisitados. Eles desenvolvem a mística de que quem trabalha e se esforça vence na vida.”(Ibid, p.21). Uma “demonstração mágica da ascensão social”. Quase como uma “autocrítica”, também aparece a figura do “milionário infeliz”.

Nessas estórias, a ascensão social decorre do casamento, sendo a herança uma espécie de “presente” recompensador.

Não existe contradição capital/trabalho nas telenovelas. A relação entre a elite e os pobres é harmônica, naturalizando-se e ocultando a contradição interna ao trabalho alienado e reificado. Os pobres realizam saltos quantitativos à condição de elite(critério de renda, não de classe). No entanto, o salto qualitativo - fim da propriedade privada - não se realiza. Mantém-se uma sociedade de classes, em que as transformações são apenas aparentes, pois preservam o núcleo do sistema(propriedade privada dos meios de produção). Não há pensamento negativo.

“A facilidade da ascensão social promove a competição entre os personagens e, indiretamente, entre os telespectadores.”(Ibid, p.24). “A Cultura Zona Sul parece absorver um significado duplo. É responsável pela integração do sujeito na sociedade e no consumo, de modo consensual. Para isso, servem os paradigmas de viver e pensar da elite carioca...O telespectador, ao acompanhar mais um capítulo, está sendo administrado para a reprodução do capitalismo.”(Ibid, p.24).

O que há de latente nessas representações é a exclusão do desemprego estrutural como traço nevrálgico da sociedade dependente; os incapacitados de ascender. Ademais, a harmonia entre pobres e ricos exclui a relação dialética desenvolvimento/subdesenvolvimento no interior do país. A identificação da felicidade com o consumo compatibiliza-se com a associação entre modernização tecnológica e progresso, almejada pelo subimperialismo. Outra tara irreal de um país dependente, eterno consumidor de tecnologias forâneas. Nesse sentido, a telenovela elide a dependência e louva o subimperialismo brasileiro, da qual é expressão ideológica.

A falta de apoio popular da Ditadura exigia a televisão como meio de integração nacional. Hamburger(2011) lembra a importância dos meios de comunicação na constituição de comunidades imaginadas nacionais.

Os próprios intelectuais, migrados para a produção televisiva, que “se opunham ao que identificavam com a ação deletéria do imperialismo norte-americano, a quem interessaria manter o subdesenvolvimento e a pobreza na América Latina”, inspirados “no programa do Partido Comunista Brasileiro” encontraram “eco no nacionalismo dos militares”(Ibid, p.68-69)

Uma característica da telenovela é sua volatilidade. “À diferença do cinema, a contiguidade de tempo e espaço potencializa a função vitrine do folhetim eletrônico. Ao difundir narrativas que veiculam moda, decoração, aparelhos eletrônicos, carros, o hábito de viajar, a novela, além de turbinar vendas, possibilita que, via consumo, o espectador se sinta parte do universo narrativo.”(Ibid, p.71). Ela é “pop” por excelência, tanto quanto seus valores/ideias.

A frustração do “milagre econômico”, pelo endividamento externo e aumento da superexploração, irá refletir-se nas telenovelas. Deus nos acuda(1992) “estreou com uma vinheta de abertura em que o mapa do Brasil, transformado em um mar de lama, se esvaía pelo ralo.”(Ibid, p.78). Mais cedo, em O salvador da pátria(1989), desenhava-se um quadro pessimista em relação ao sistema político, “no ano em que Fernando Collor de Mello derrotaria Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro pleito presidencial pós-ditadura.”(Ibid, p.77). “Nesse mesmo ano, Que rei sou eu?...repercutiu na campanha e no debate sobre o resultado eleitoral. A novela abordou, em tom de fábula, a história das disputas e corrupções palacianas no reino fictício de Avelã. Junto com a minissérie Anos rebeldes (1992), de Gilberto Braga, que abordou o movimento estudantil e a luta armada contra o regime militar na década de 1960...”(Ibid, p.77). Apesar de uma sincronia não planejada, “quando estreou, em agosto de 1992, o movimento[estudantil] estava em ascensão. O exemplo do movimento estudantil dos anos 1960 repercutiu junto aos “caras pintadas”, que denunciavam a corrupção presidencial.”(Ibid, p.78).

CONCLUSÃO

Procuramos demonstrar a simbiose histórica entre a Ditadura Militar e a expansão da indústria cultural brasileira, hegemonizada pela Rede Globo. Entendendo a indústria cultural como sistema unitário, apontamos sua vinculação ao projeto subimperialista, cuja expressão ideológica encontra-se nas telenovelas. Ela aparece em substituição à base de massas da burguesia, já fagocitada pelas multinacionais. A análise da mais-valia ideológica contida nas telenovelas permitiu confirmar nossa hipótese de que, em um país dependente, a indústria cultural aparece como expressão ideológica da dependência.

O diálogo entre Teoria Crítica e TMD ainda permitiria pensar nos rumos pós-88 da indústria cultural brasileira e as novas formas de dependência. Caberia ainda um estudo mais aprofundado da programação televisiva e a elisão da centralidade da categoria trabalho nas telenovelas, impedido pelos limites do atual trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural**. São Paulo: Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

ARANTES, Paulo Eduardo. **A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização**. São Paulo: Editora 34, 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

BOLAÑO, César; MANSO, Anna Carolina. **Para uma economia política do audiovisual brasileiro. Cinema, televisão e o novo modelo de regulação da produção cultural. Cinema e Economia da Cultura. Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira**, v. 2, 2009.

BOLAÑO, César. **Mercado Brasileiro de Televisão**. Rio de Janeiro: Editora Educ, 2004.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Uma via “não clássica” para o capitalismo**. In: D’INCAO, História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior. São Paulo: Brasiliense e editora da UNESP, 1989.

- EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- GRAVINA, Guilherme. **Estratagemas de ocultação da realidade e a cibercapitania hereditária**. REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos, v. 7, n. 3, 2017.
- HAMBURGER, Esther. **Telenovelas e interpretações do Brasil**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 61-86, 2011.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2000.
- LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Biotempo, 2021
- MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. São Paulo: Edipro, 2015.
- MATOS, Olgária Chain Féres. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. 2006.
- MARCUSE, Herbert. **Cultura e Psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- MARINI, Ruy Mauro. **Ruy Mauro Marini: Vida e Obra**. Editora Expressão Popular, 2005
- MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e Revolução**. Florianópolis: Editora Insular, 2013
- MARINI, Ruy Mauro. **A acumulação capitalista mundial é o subimperialismo**. Outubro n. 20 10 semestre 2012.
- MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. Boitempo Editorial, 2015.
- MEYER, Victor; CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER. **Frágua inovadora: o tormentoso percurso da Polop. Polop. Uma trajetória de luta pela organização independente da classe operária no Brasil**. Salvador: Artetexto, 2009.
- NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. Boitempo editorial, 2015.
- OSORIO, Jaime. **Estado, reproducción del capital y lucha de clases**. 2016.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 11a. edição. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RAMOS, Roberto Jose; LOPES DE FREITAS, Fernanda. **Rede Globo de Televisão: 50 anos-a integração cultural e ideológica**. Revista Alterjor, 2015.
- REICH, Wilhelm. **Materialismo Dialético e Psicanálise**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.
- SANTOS, Theotônio dos. **Socialismo ou fascismo: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano**. Insular Livros, 2020.
- SILVA, Ludovico. **El sueño-insomne**. Demófilo, 2011.

SILVA, Ludovico. **A mais-valia ideológica**. Digitaliza Conteudo, 2023.

TRASPADINI, Roberta; BUENO, Fábio Marvulle. **Lenin e a interpretação do imperialismo nos séculos XX e XXI**. REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos, v. 4, n. 2, 2014.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Quebra Cabeça do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Galpão de Ideias Leonel Brizola, 2018.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **O cabaré das crianças**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Darcy Ribeiro: a razão iracunda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.